

OS PADRÕES DE USO DE “FOI QUANDO”: DE ITENS NÃO INTEGRADOS A CONECTOR

Alexsandra Ferreira da Silva
Doutorado/UFF
Orientadora: Nilza Barrozo Dias

O presente trabalho tem como objetivo analisar os diferentes graus de gramaticalidade da expressão “foi quando”. Pretendemos, também, analisar as relações que emergem da articulação estabelecida pela referida expressão em situações reais de comunicação, procurando evidenciar as propriedades organizacionais envolvidas na constituição da coesão textual.

Adotando os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, que congrega conceitos da teoria funcionalista de linguagem – na linha de Givón, Hopper, Bybee, Traugott, entre outros – e princípios cognitivistas, principalmente no que se refere à Gramática de Construções – na linha de Goldberg, Croft, entre outros – partimos da hipótese de que a expressão “foi quando”, em viés sincrônico, apresenta graus distintos de gramaticalidade em que o uso mais gramatical dessa expressão se configura de maneira bastante integrada na língua, como uma microconstrução, nos termos de Traugott (2008).

Desse modo, com base no reconhecimento da importância de se abordar os fenômenos linguísticos em seu contexto efetivo de uso, procedemos a uma pesquisa, inicialmente, sincrônica na qual são analisadas notícias publicadas nos *sites*: www.g1.globo.com e www.odia.ig.com.br. Verificamos que “foi quando”, em perspectiva sincrônica, apresenta-se, basicamente, em três padrões de uso distintos, representados da seguinte forma:

I – [foi_{verb.ligação}] e [quando_{adv.integrante}];

II – [foi_{verb.copulativo} [quando_{adv.relativo}]];

III – [foiquando_{conector}].

Observamos que o uso de “foi quando” como elemento de coesão parece estar se fixando na língua, na sincronia atual, como uma microconstrução nos termos de

Traugott (2008). Assim, analisamos os diferentes graus de gramaticalidade de “foi quando” evidenciando, através dos seus padrões de uso, um *cline* que segue desde itens não integrados até o uso de “foi quando” como um conector.

Para fins de organização deste artigo, fazemos, na primeira seção, a apresentação dos pressupostos teóricos. A segunda seção é destinada aos três padrões de uso de “foi quando”. Essa seção é dividida em três subseções nas quais tratamos cada um dos padrões, individualmente. Posteriormente, fazemos as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

Pressupostos teóricos

Esta seção destina-se à apresentação, de forma muito sucinta, do arcabouço teórico utilizado como subsídio para análise da expressão “foi quando”. Trabalhamos com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante, LFCU).

A LFCU surge devido à forte e atual tendência de pesquisadores funcionalistas estabelecerem, em pesquisas linguísticas, pontes com perspectivas Cognitivistas, especialmente, através do modelo da Gramática das Construções, conforme Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001).

Essas pontes têm possibilitado o desenvolvimento de pesquisas que não analisam apenas itens linguísticos independentes em um contínuo léxico-gramática, como se fazia nos primeiros trabalhos de base teórica funcionalista. Atualmente, as pesquisas linguísticas funcionalistas estão voltadas para as construções que instanciam os itens antes isoladamente estudados.

Na verdade, a linha funcionalista – que congrega conceitos como iconicidade, pancronia, marcação, planos discursivos, informatividade, bem como o paradigma da gramaticalização – agora com uma base cognitivista mais sólida – principalmente em função do estudo de construções e de processos cognitivos gerais ligados a estratégias comunicativas como inferência, analogia, dentre outros – ganha o rótulo de Linguística Funcional Centrada no Uso.

Essa aproximação entre a Linguística Funcionalista e a Linguística Cognitiva tem enriquecido a análise dos mais diversos fenômenos da língua, incluindo a análise da expressão “foi quando”, objeto de estudo na presente pesquisa. Partindo da observação do uso de “foi quando” em situações reais de comunicação, pudemos observar que a

análise dessa expressão vai além da classificação sintática como conector, por exemplo. Observamos que a função pragmática de marcador de foco e as relações semânticas de causa e consequência são alguns dos fatores que possibilitam e até legitimam a função sintática de “foi quando” como um conector.

Padrões de uso de “foi quando”

Analisamos 245 amostras de uso de “foi quando”, coletadas de notícias publicadas pelo Portal Globo e pelo Jornal O Dia *online* na sincronia atual. A análise de tais amostras levou-nos a três padrões de uso. Desta forma, dividimos esta seção em três subseções nas quais tratamos cada um dos referidos padrões, individualmente.

2.1 Padrão I – [*foi*_{verb.ligação}] e [*quando*_{adv.integrante}]

Para começar, destacamos uma amostra que ilustra o padrão I – [*foi*_{verb.ligação}] e [*quando*_{adv.integrante}], extraída de uma notícia publicada pelo Portal Globo:

(01) Para Terezinha, mãe de Durval, o pior dia do doloroso tratamento **foi quando** os médicos falaram que Durval podia perder uma das pernas. A cirurgia não foi necessária mas ele ainda não recuperou totalmente os movimentos. Apesar dos ferimentos e do trauma do acidente, o motorista se considera um vencedor e afirma que o desafio é voltar a trabalhar. (Portal Globo)

De modo geral, amostras desse primeiro padrão se aproximam da articulação oracional entre o que a tradição denomina oração principal e oração subordinada substantiva. Veremos com detalhes mais adiante que, na amostra (01), podemos considerar a oração “*o pior dia do doloroso tratamento foi*” uma oração principal e a oração “*quando os médicos falaram [...]*” uma oração subordinada substantiva predicativa, mesmo sendo essa iniciada pelo advérbio “quando”, com semântica temporal. Nessa perspectiva, “foi” é um verbo de ligação, uma vez que liga sujeito a predicativo.

O primeiro ponto que destacamos é o fato de considerarmos orações iniciadas por “quando” como orações predicativas no padrão I. De acordo com Bechara (2004: 485), “*a oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo ser. Ex.: A verdade é que não ficaremos aqui.*” No entanto,

Bechara (2004: 465) apresenta, também, orações subordinadas resultantes de substantivação que não precisam do transpositor *que*. São elas as orações interrogativas e as exclamativas, que podem ser iniciadas por pronomes e advérbios desses valores semânticos, como *qual*, *quem*, *por que*, *como*, *quanta* etc. Ex.: “*Não adivinhava quanta alegria nos causou*”.

Entendemos que no caso da atuação de “foi quando” no padrão I, também temos uma oração substantiva predicativa não iniciada pelo *que*, mas sim pelo advérbio *quando*, conforme pudemos ver na amostra (01) acima.

Neves (2011: 335) reforça essa visão, visto que a autora assume que as orações substantivas podem, quanto ao modo de conexão, vir justapostas, iniciadas por palavras interrogativas ou exclamativas. A autora lista como exemplos casos em que as subordinadas substantivas apresentam a função de objeto direto¹. Consideramos que o mesmo pode ocorrer com as substantivas em outras funções, como a predicativa iniciada por “quando”, nas amostras que compõem o padrão I.

Outro ponto que destacamos é a relação estabelecida pelo verbo *ser* entre sujeito e oração predicativa. Muitos estudiosos incluem tanto a relação de predicação por meio de um atributo, como a relação de identidade entre sujeito e predicativo, mediadas pelo verbo *ser*, entre as orações substantivas predicativas. Neves (2011: 337), por exemplo, mostra que o verbo de ligação pode instaurar uma relação de identidade entre o sintagma nominal sujeito e a oração que o sucede, como se pode ver nos seguintes exemplos apresentados pela autora: “*Seu grande PROGRAMA é ficar ali, à tardinha, vendo televisão*”; “*Tua SORTE foi ter encontrado Tião*”.

Entendemos que essa relação de identidade pode ser observada nos casos que constituem o padrão I – [foi_{verb.ligação}] e [quando_{adv.integrante}], como se pode ver na amostra (02) abaixo:

(02) A apresentação, feita durante o evento Expo Comm Wireless Japan, exibiu a leitura de artigos de jornal em japonês sendo traduzidas para inglês com alguma eficiência. Mas o grande momento **foi quando** duas funcionárias da companhia ensaiaram uma conversa com smartphones utilizando a ferramenta. Claro que houve certo delay (ou seja, atraso na hora da resposta), mas o conceito se mostrou perfeitamente utilizável. (Portal Globo)

Na amostra (02), o sintagma nominal sujeito “*O grande momento*” identifica-se com a oração predicativa “*quando duas funcionárias da ensaiaram uma conversa com*

smartphones utilizando a ferramenta". O referido "momento" é identificado ou ilustrado na oração iniciada por "quando", por intermédio do verbo *ser*, considerado de ligação.

Azeredo (2008: 315-316) mostra que o verbo de ligação *ser* apresenta grande versatilidade, permitindo, assim, que "um mais variado grupo de estruturas participe da relação sujeito-predicativo". Ex.: "Minha maior preocupação é quando preciso dirigir à noite". Nesse exemplo, é possível percebermos a relação de identidade entre sujeito e predicativo.

Na verdade, o conjunto das orações predicativas é bastante amplo, conforme destaca Rodrigues (2001), que trabalha com a prototipicidade das orações predicativas. A autora mostra que as predicativas podem ser descritas com base em uma hierarquia representada por estruturas [+ prototípicas] e [- prototípicas]. Através dessa hierarquia, a autora assinala como as predicativas podem se organizar de diferentes formas. A partir da teoria dos protótipos, conforme Taylor (1989), Rodrigues (2001: 198) estabelece quatro atributos que caracterizam as estruturas predicativas [+ prototípicas]:

- (1) A oração matriz, na qual a predicativa está encaixada, apresenta seu sujeito na forma de um SN cujo núcleo é um nome que possui o traço [- animado];
- (2) A predicativa ocorre na forma não-finita;
- (3) O verbo da matriz é o verbo *ser* que ocorre na P3 do tempo presente do modo indicativo;
- (4) A oração predicativa ocupa a posição à direita do verbo da matriz. A estrutura prototípica é SN + V (*ser*) + predicativa.

De acordo com a autora, a presença de um número maior de atributos em uma oração predicativa caracteriza a estrutura [+ prototípica]. Por outro lado, para se identificar a estrutura [- prototípica], não é necessário que todos os atributos acima sejam negados. Para a autora, basta que apenas um atributo seja negado para uma oração ser considerada [- prototípica].

No que se refere à atuação de "foi quando" no padrão I, verificamos a negação dos atributos (2) e (3), já que a predicativa, nesses casos, ocorre na forma finita e o verbo *ser* no tempo pretérito perfeito do modo indicativo. Por outro lado, os atributos (1) e (4) são contemplados, visto que nas amostras correspondentes ao padrão I o núcleo do sujeito possui o traço [- animado] e a predicativa ocupa a posição à direita do verbo, como podemos ver na amostra abaixo:

(03) Um dos momentos mais comentados na audiência de ontem **foi quando** um dos PMs responsáveis pela prisão, tenente Ronald Cadar, do BPChoque, disse que foram apreendidos com Nem 35 saquinhos de leite em pó desnatado. (Jornal O Dia *online*)

Diante do exposto, consideramos as orações iniciadas por “quando” no padrão I como orações predicativas [- prototípicas]. Nesse caso, o sujeito, normalmente, é um SN cujo núcleo é um substantivo com semântica temporal, como “momento” ou “dia”, o que implica o fato de a predicativa ser iniciada por “quando”. O verbo *ser*, atuando em sequência tipológica narrativa, apresenta-se no pretérito perfeito, como um verbo de ligação.

Assumimos que nas amostras que compõem o padrão I, conforme exemplificado acima, o verbo *ser* funciona como um verbo de ligação e o advérbio *quando* funciona da mesma forma que uma conjunção integrante: um elo entre as orações. No entanto, “quando” apresenta valor de um advérbio com semântica temporal, que não pode ser ignorado. Assim, consideramo-lo um advérbio com função integrante, que introduz uma oração subordinada predicativa [- prototípica] com valor semântico temporal.

Desta forma, ressaltamos que no padrão I – [*foi*_{verb.ligação}] e [*quando*_{adv.integrante}], os itens “foi” e “quando” podem ser analisados como elementos independentes. Pudemos observar que cada um exerce uma função no processo de articulação textual, que se dá em nível oracional. Por esse motivo, representamos cada item em um colchete distinto. Trata-se de uma maneira de sinalizar que cada um dos itens representa uma forma que atua com determinada função ou significado no texto.

2.2 Padrão II – [*foi*_{verb.copulativo} [*quando*_{adv.relativo}]]

Para iniciarmos a observação da atuação de “foi quando” no padrão II – [*foi*_{verb.copulativo} [*quando*_{adv.relativo}]], destacamos a amostra (04):

(04) O delegado Roberto Troncon, superintendente da PF em São Paulo, disse que a investigação começou *em 2011*. **Foi quando** um servidor do TCU procurou a PF para denunciar o esquema. Foram feitas buscas e apreensões também no Ministério da Educação, na Agência Nacional de Aviação Civil, na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, na Advocacia-Geral da União e na Agência Nacional de Transportes Aquaviários. (Jornal O Dia *online*)

De maneira geral, nos dados sincrônicos referentes a esse segundo padrão, “foi quando” articula porções textuais distribuídas em períodos distintos, como se pode ver na amostra (04), em que a expressão de tempo “*em 2011*”, disposta no primeiro período, é retomada no período seguinte, iniciado por “foi quando”.

Consideramos que as amostras desse padrão de uso apresentam duas possíveis leituras. A primeira delas é que os itens “foi” e “quando” cumprem, cada um, uma função no texto. O verbo *ser*, neste caso, é um verbo copulativo, que serve, principalmente, à focalização. O item “quando” funciona como um advérbio relativo, representando a expressão de tempo no período seguinte.

Por outro lado, é possível percebermos, também, uma leitura holística para esses dois itens, que, como um todo, são responsáveis por um movimento de retomada anafórica e de progressão sequencial. “Foi quando” retoma a expressão de tempo “*em 2011*”, disposta no período anterior, transpondo-a para o período seguinte, fazendo o texto progredir, como um mecanismo de coesão com função conectiva.

Desta forma, entendemos que o padrão II abrange casos híbridos, já que em uma leitura, esse padrão ainda guarda alguma semelhança com o padrão I, sendo possível identificarmos uma função ou significado para cada um dos itens; e em outra, “foi quando” atua como um conector, conforme ocorre nos dados que constituem o padrão III, sobre o qual discorreremos adiante.

Vejamos mais uma amostra da atuação de “foi quando” no padrão II:

(05) A história da beterraba França é também a história de guerras, de política e de um imperador. O cultivo de beterraba em larga escala começou a decolar *no início do século XIX*. **Foi quando** uma guerra marítima entre França e Inglaterra travou a importação de açúcar de cana, que vinha, sobretudo das ilhas do Caribe, na América Central. (Portal Globo)

Na amostra (05), a expressão de tempo “*no início do século XIX*” é acionada no período seguinte tanto pelo item “foi”, um verbo copulativo, quanto pelo item “quando”, um advérbio relativo. Essa leitura mostra que há integração pouco rígida entre os elementos, aproximando o padrão II do padrão I.

O verbo copulativo apresenta como função predominante a focalização. Na amostra (05), ele focaliza tanto a noção de tempo “*no início do século XIX*”, assumida pelo “quando”, como o fato de ter sido travada uma guerra marítima. Além disso, o

verbo *ser* participa do processo de articulação entre períodos dessas porções textuais. É importante ressaltarmos que o verbo *ser* não apresenta, na amostra (05), as características de um verbo de ligação [+ prototípico], já que não temos, no referido caso, sujeito nem predicativo mediados por esse verbo. No entanto, observamos que o elemento “foi”, mesmo apresentando uma função mais pragmática no texto, é usado para estabelecer ligação entre porções textuais, guardando algumas características do verbo de ligação [+ prototípico], como ocorre no padrão I. Conforme mencionamos no capítulo de revisão da literatura, consideramo-lo um verbo copulativo devido a sua função principal: servir à focalização, mas não desconsideramos a propriedade de estabelecer ligação inerente ao comportamento do verbo *ser*.

O advérbio relativo “quando” atua, conforme Azeredo (2008: 198), “*com as propriedades anafóricas e conectivas do pronome relativo*”. Na amostra (05), “quando” retoma a expressão de tempo “*no início do século XIX*”, representando-a no período seguinte, numa relação de equivalência semântica. Esse advérbio funciona da mesma maneira que os pronomes relativos em orações adjetivas. Nesse caso, porém, a retomada da expressão de tempo pelo advérbio relativo “quando” geralmente ocorre em uma relação interperíodo.

Por outro lado, ainda é possível outra leitura para a atuação de “foi quando” na amostra (05). Podemos dizer que ambos os itens apresentam, juntos, propriedades conectivas que inserem a expressão de tempo no período seguinte, como um mecanismo de coesão sequencial. A expressão “foi quando”, na referida amostra, faz o texto progredir, ao mesmo tempo em que focaliza o fato de ter sido travada uma guerra marítima entre França e Inglaterra, situando ou marcando esse evento no tempo. Essa leitura aproxima o padrão II do padrão III. Verificamos sempre duas leituras para as amostras do padrão II.

Até mesmo em amostras menos prototípicas do padrão II é possível percebermos a hibridização presente nos dados desse padrão, que apresentam duas leituras, como se pode observar na amostra (06), incluída em nossa pesquisa no padrão II como um exemplo menos prototípico:

(06) O estudante de direito Alexandre Hage, que estuda em uma faculdade em frente ao prédio que desabou, presenciou o momento do acidente. “Eu ouvi um estalo do outro lado da rua. Aí eu olhei para o estabelecimento e a parte superior começou a rachar e cair blocos no meio da rua. Umhas 15 pessoas estavam do outro lado para atravessar

no sentido da faculdade. *No intervalo entre o primeiro estalo e desabamento, **foi quando** as pessoas conseguiram sair correndo*”, disse. (Jornal O Dia *online*)

Percebemos na amostra (06) que a aproximação entre os padrões I e II fica pouco mais evidente, uma vez que “foi quando”, neste caso, articula porções textuais dentro de um mesmo período. Na referida amostra, há uma expressão de tempo no início do período em que “foi quando” aparece, e não no período anterior, como ocorre na maioria dos dados sincrônicos do padrão II. Nesse caso, é possível percebermos que a expressão de tempo “*no intervalo entre o primeiro estalo e desabamento*” ocupa até mesmo a posição de tema, prototípica de um sujeito, conforme ocorre no padrão I. Em termos de organização estrutural, trata-se de um caso semelhante às amostras do padrão I. Comparemos:

Padrão II	(06) <i>No intervalo entre o primeiro estalo e desabamento, foi quando as pessoas conseguiram sair correndo. (Jornal O Dia <i>online</i>)</i>
Padrão I	(07) Outro momento emocionante foi quando Bruno assistiu às imagens da reconstituição do crime. (Jornal O Dia <i>online</i>)

Ressaltamos que há algumas semelhanças estruturais apesar de os itens “foi” e “quando” atuarem com funções distintas em (06) e (07). Nas referidas amostras temos estruturas iniciadas por sintagmas com semântica temporal, seguidos de “foi quando”, atuando no nível oracional, mesmo que de formas distintas.

Na amostra (07), temos sujeito e predicativo sendo intermediados pelo verbo *ser*, um verbo de ligação [+ prototípico]. A posição de tema, neste caso, é ocupada pelo sujeito, um SN com semântica temporal. Na amostra (06), apesar da relativa semelhança com o padrão I, a posição de tema é ocupada por um adjunto adverbial de tempo, e não por um sujeito, como vemos em (07). O verbo *ser*, em (06), perde a característica de ligar sujeito a predicativo, própria do verbo de ligação [+ prototípico] e apesar de continuar estabelecendo elo entre porções textuais, cumpre, em (06), a função principal de focalizar, sendo, por isso, considerado um verbo copulativo.

Quanto ao elemento “quando”, na amostra (07), atua como advérbio com função integrante, introduzindo uma oração predicativa que apresenta uma relação de identidade com o sujeito. Já em (06), “quando” representa a expressão de tempo “*no intervalo entre o primeiro estalo e desabamento*”, atuando como advérbio relativo. Nesse caso, ele retoma essa expressão, numa relação de equivalência semântica.

Por outro lado, é possível percebermos a alteração de fronteiras dos constituintes “foi” e “quando”. Na amostra (07), padrão I, ambos são itens independentes que atuam, cada um, em uma oração distinta, havendo a articulação entre oração I “*Outro momento emocionante foi*” e oração II “*quando Bruno assistiu às imagens da reconstituição do crime*”. Na amostra (06), padrão II, há uma vírgula entre a expressão de tempo e “foi quando” que, de certa forma, aproxima os itens “foi” e “quando”, motivando certa integração ou diminuição de composicionalidade entre eles. Temos, então, articulação entre duas porções textuais: I “*No intervalo entre o primeiro estalo e desabamento*” e II “*foi quando as pessoas conseguiram sair correndo*”. Nesse caso, “foi quando” atua com função conectiva e a amostra (06) se aproxima, também, do padrão III, em que os itens “foi” e “quando” são lidos como uma unidade, entrincheirados.

Assim, de um lado, é possível identificarmos, no padrão II – [foi_{verb.copular} [quando_{adv.relativo}]], uma função para cada item da expressão, como acontece no padrão I. Por outro lado, observamos a atuação de “foi quando” como um mecanismo de coesão, como ocorre no padrão III. Justifica-se, desta forma, a hibridização presente nos usos que constituem o padrão II.

Consideramos que no padrão II – [foi_{verb.copulativo} [quando_{adv.relativo}]], os itens “foi” e “quando” são elementos que se apresentam de forma semi-integrada, havendo certa diminuição na composicionalidade dos itens. Ao mesmo tempo em que é possível identificarmos uma função para cada item no processo de articulação textual, “foi quando”, em uma leitura holística, pode ser analisado como um conector. Por esse motivo, representamos os itens em colchetes separados, sinalizadas as devidas funções de cada um. Colocamos, ainda, o item “quando” dentro do colchete do item “foi” como uma forma de mostrar a integração pouco rígida entre os referidos elementos. Trata-se de uma maneira de sinalizar que apesar de os itens apresentarem formas distintas, com papéis diferentes no texto, ambos também cumprem, juntos, uma função conectiva. Ressaltamos, no entanto, que os itens ainda não se apresentam totalmente integrados ou substancialmente entrincheirados.

2.3 Padrão III – [foiquando_{conector}]

Passando a observação e análise do padrão III – [foiquando_{conector}], destacamos, inicialmente, a amostra (08) abaixo:

(08) Como o ladrão queria o malote de dinheiro que seria levado ao banco, ele libertou a funcionária e seguiu com o proprietário do mercado até um local onde o comerciante disse que estaria o dinheiro. **Foi quando** o dono do mercado desarmou o ladrão, segundo o delegado. (Portal Globo)

De forma geral, nas amostras desse terceiro padrão, os itens “foi” e “quando” são lidos de maneira holística, já que não é possível identificarmos uma função para cada um dos itens. Nesse padrão, “foi quando” atua como um conector entre porções textuais, geralmente dispostas em períodos distintos, conforme se pode observar na amostra (08).

Na referida amostra, “foi quando” é um conector, visto que é utilizado foricamente, fazendo o texto progredir. Em (08), “foi quando” retoma toda a porção textual que fala sobre os eventos acontecidos durante o assalto, ao mesmo tempo em que anuncia o que se segue, ou seja, o fato de o dono do mercado ter desarmado o ladrão. É possível observarmos que os efeitos de sentido articulados por “foi quando” acompanham a extensão do escopo. Trata-se de um elemento de conexão responsável por um movimento de retomada anafórica e de progressão sequencial.

É importante notarmos, ainda, que na amostra (08) “foi quando” marca uma noção de tempo pontual em que *o dono do mercado desarmou o ladrão*, apresentando esse evento em uma sequência no discurso, ou seja, na ordem icônica ou cronológica dos acontecimentos. O evento apresentado no período iniciado por “foi quando” faz parte dessa sequência, estabelecendo uma relação temporal com a combinação de eventos que figuram no período anterior, seu escopo. Ressaltamos, também, que dentro da sequência de eventos, há a focalização daquele que figura no período iniciado por “foi quando”. Desta forma, dentro dos episódios do assalto, o fato de o dono do mercado ter desarmado o ladrão é o evento de maior destaque.

Entendemos que o uso de “foi quando” como um conector diz respeito a um modo particular de organização dos elementos linguísticos na superfície do texto, em uma sequência linear, conferindo maior relevância ou destaque a um ou outro evento da sequência em detrimento dos demais. Nesse sentido, “foi quando” retoma anaforicamente porções textuais de tamanho diversos, que constituem o escopo do conector, ao mesmo tempo em que faz o texto progredir, atuando como um mecanismo de coesão sequencial. Assim, “foi quando” estabelece ligações entre partes do texto,

contribuindo para a sua coesão, uma vez que facilita a interpretação e a construção da coerência pelos usuários da língua.

Cumpramos destacar que “foi quando”, como elemento de conexão textual, atua de formas sutilmente distintas nas amostras de dados por nós analisadas. Desse modo, verificamos três subfunções conectoras como instâncias do uso de “foi quando” no padrão III – [foiquando_{conector}]: a) [foiquando_{conector de sequencialidade}]; b) [foiquando_{conector lógico}]; c) [foiquando_{conector argumentativo}].

Na amostra (08) citada anteriormente, “foi quando” atua como um conector que participa da ordenação dos eventos em sequência, marcando no tempo o evento de maior destaque. Trata-se de um **conector de sequencialidade**. Vejamos mais uma amostra dessa subfunção conectora:

(09) Segundo o motorista do caminhão, a equipe realizava a coleta e, ao chegar ao final da via, que não tem saída, ele foi obrigado a retornar de ré, devido à falta de espaço para manobras. **Foi quando** um dos membros da equipe, de prenome Francisco, escorregou e caiu do caminhão, sendo atropelado pelo veículo. (Jornal O Dia *online*)

Na amostra (09), há vários eventos que são apresentados em uma sequência: “a equipe realizava a coleta [de lixo]”, “ao final da via [...], ele [o motorista] foi obrigado a retornar de ré”, “um dos membros da equipe [...] escorregou e caiu do caminhão, sendo atropelado”. Trata-se de ações factuais ligadas semanticamente pela relação temporal. Nesse caso, o conector “foi quando” apresenta como escopo toda a sequência textual anterior a ele, na qual há a narração sobre o procedimento do motorista do caminhão durante a coleta que estava sendo realizada. Ao mesmo tempo em que retoma essa sequência, o conector faz o texto progredir marcando no tempo a cena de maior destaque: o fato de Francisco ter escorregado, caído do caminhão e ter sido atropelado.

A marcação temporal se dá dentro da sucessividade entre os eventos que seguem a uma ordenação cronológica. É importante observarmos que a atuação de “foi quando” como um conector de sequencialidade acontece em uma ordenação de eventos mais factuais. O evento apresentado no período iniciado por “foi quando” é aquele que recebe maior destaque. O conector de sequencialidade “foi quando” apresenta, portanto, como função principal marcar uma noção de tempo pontual de determinado evento, que é posto em evidência dentro de uma sequência temporal.

Verificamos, ainda, que o conector “foi quando” estabelece relações textuais através das quais se sobrepõem mais de uma relação lógico-semântica, indo além da marcação de tempo em que ocorre um evento ou uma cena dentro de uma sequência. É o caso de “foi quando” atuando como **conector lógico**. Observamos que, nesses casos, o movimento de retomada e de progressão sequencial estabelecido por “foi quando” articula, também, relações de causa e de consequência, conforme podemos observar através da amostra (10) abaixo:

(10) O homem seguia para casa com a mulher, a nora, os dois filhos, de 16 e 4 anos, e um neto de 2 anos. A família parou para comer espetinhos em frente a um posto de combustíveis. O ladrão chegou andando e exigiu dinheiro, celulares e o carro. O suspeito chegou a apontar a arma para as crianças. **Foi quando** o empresário reagiu. Os dois entraram em luta corporal e a vítima foi atingida por dois tiros – um no braço e um no peito. O homem chegou a ser socorrido a um hospital, mas morreu. (Portal Globo)

Na amostra (10), o conector “foi quando”, além de marcar uma noção de tempo pontual, estabelece uma relação factual de causa e de consequência entre duas proposições, de acordo com o que Koch (1987) chama de relação de causalidade. Neste caso, “foi quando” tem como escopo toda a sequência temporal representada pelo fato de o ladrão chegar, exigir dinheiro, celulares e o carro, bem como pelo fato de ele apontar a arma para as crianças. No entanto, verificamos que o último evento da sequência, especificamente, constitui uma causa que tem como consequência a reação do empresário. Fazendo uma paráfrase, podemos dizer que *uma vez que o ladrão apontou a arma para as crianças, o empresário reagiu*. Assim, em (10), o conector “foi quando” é usado na amostra como um mecanismo de coesão sequencial que articula não só uma relação temporal como também as relações de causa e de consequência.

É importante ressaltarmos, ainda, que a relação de causa e consequência se sobrepõe à ordem cronológica que organiza os fatos em sequência, mas não descartamos a relação de sequencialidade temporal. Como conector lógico, “foi quando” participa da organização dos eventos em sequência, marcando no tempo um desses eventos, que é posto em destaque. Há o processo de retomada e de progressão sequencial. Todavia, neste caso, a atuação do conector “foi quando” vai além dessa organização em sequência que focaliza um evento. O conector é responsável por estabelecer entre as porções textuais articuladas a relação de causa e de consequência.

O conector “foi quando” apresenta, ainda, outra subfunção, atuando como **conector argumentativo**. Neste caso, “foi quando” também participa da ordenação dos fatos em sequência cronológica, porém apresenta uma elaboração que o falante imprime em seu discurso. Assim, o conector argumentativo “foi quando” é responsável pela articulação de eventos menos factuais ou, basicamente inferenciais, que representam pontos de vista do falante ou escritor do texto. Vejamos uma amostra:

(11) Quando vou fazer com o Victor (Pecoraro) até rola um desconforto normal por nunca ter feito par romântico com ele”, explica a atriz, que ficou longe da TV por três anos, enquanto passava pela chamada ‘crise dos 30’. “Trabalho desde os 13 anos. Minha vida sempre foi trabalho. Aos 29, rolou uma crise. **Foi quando** eu decidi parar um pouco e viver a minha vida. Você não consegue ter uma vida pessoal trabalhando muito, a verdade é essa. Hoje, sei que meu filho e meu marido estão me esperando em casa. Isso dá uma segurança enorme”, diz a mãe do pequeno Bento, de 1 ano. (O Dia)

Na amostra (11), “foi quando” tem como escopo a porção textual anterior a ele que diz respeito à relação que a atriz tem com o trabalho, desde os 13 anos. É importante percebermos que na sequência temos eventos menos factuais, os quais demonstram o modo pelo qual a atriz observa a própria vida. Neste contexto, o conector argumentativo “foi quando” é utilizado como um mecanismo de coesão diretamente ligado à organização que a atriz fornece ao seu discurso. Diante da observação de eventos que ilustram a própria vida, a atriz decide parar um pouco para viver. O conector “foi quando” é utilizado, neste caso, para anunciar a representação de um ponto de vista que reflete uma elaboração da atriz dentro da situação apresentada.

É importante observarmos, ainda, que o conector argumentativo “foi quando” participa da organização dos eventos em sequência temporal, na qual o evento que se apresenta no período iniciado por “foi quando” é aquele de maior destaque. Neste caso, há uma conclusão do falante que reflete sua elaboração dos fatos, no campo da inferência. O falante utiliza o conector “foi quando” para anunciar seu ponto de vista em relação aos eventos. Em (11), por exemplo, a atriz utiliza o conector “foi quando” para mostrar o próprio ponto de vista ou tomada de decisão. Trata-se de uma inferência da atriz a partir do seu modo de vida, que a conduziu a uma “crise”.

Diante das considerações apresentadas, resumimos as principais características que diferenciam as três subfunções conectoras de “foi quando”:

Conector de sequencialidade	Conector lógico	Conector argumentativo
Estabelece relação semântica temporal: situa ou marca no tempo um evento dentro da combinação de eventos apresentados em sequência.	Estabelece relação semântica temporal, acompanhada da relação de causalidade.	Estabelece relação semântica temporal, introduzindo uma inferência ou conclusão.
Introduz sequência representada por eventos mais factuais – concretos.	Introduz sequência representada por eventos mais factuais – concretos.	Introduz sequência representada por eventos não-factuais – inferenciais.
Estabelece relações no nível do <i>dictum</i> – relação objetiva de sequencialidade entre fatos que “existem no mundo”.	Estabelece relações no nível do <i>dictum</i> – relação objetiva de causa e consequência entre fatos que “existem no mundo”.	Estabelece relações no nível do <i>modus</i> – relação subjetiva que diz respeito às atitudes do sujeito em relação ao conteúdo do enunciado.

Quadro 1: Características das três subfunções conectoras de “foi quando”.

Reconhecemos que as diferenças entre as três subfunções conectoras são sutis. Ratificamos, no entanto, que as três subfunções não são estanques. Defendemos que elas compõem um único grupo – padrão III – e que em algumas amostras menos prototípicas podemos encontrar até certo imbricamento entre as subfunções, fato que não consideramos ser um problema, já que não estamos trabalhando com categorizações discretas.

Por fim, destacamos que essas três subfunções são abrigadas no padrão III – [foiquando_{conector}]. Nesse padrão, os itens “foi” e “quando” são lidos de maneira holística, independente da subfunção conectora. Por esse motivo, nós representamos esses itens dentro de um mesmo colchete, sem espaço entre os elementos. Trata-se de uma maneira de sinalizar a integração ou baixa composicionalidade desses itens. Essa diminuição em composicionalidade constitui um dos fatores que nos possibilitam considerar “foi quando”, no padrão III, uma microconstrução, nos termos de Traugott (2008).

Considerações finais

Verificamos que os diferentes usos de “foi quando” nos permitem a representação de um *cline* de gramaticalidade nos moldes de Traugott (2010), em que

os diferentes graus de fusão da expressão “foi quando” demonstram uma diminuição em composicionalidade. Trata-se de um *cline* que segue desde itens não integrados até o uso de “foi quando” como um conector, uma organização sincrônica dos dados por nós analisados:

Itens lexicais > Itens gramaticais semi-integrados > Itens integrados
(*microconstrução*)

I) [foi_{verb.ligação}] e [quando_{adv.integrante}] > II) [foi_{verb.copulativo} [quando_{adv.relativo}]] >
III) [foi_{quando}.....]

Referências

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2ª. Ed., São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In WISCHER, I. (ed) *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, 2002.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2011.

RODRIGUES, Angélica Terezinha Carmo. *A prototipicidade das orações predicativas*, v. 5, n. 9. Belo Horizonte: Revista Scripta, 2001.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. IN KYTÖ, Merja (ed.), *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. Amsterdam: Rodopi, 2012.

TRAUGOTT, E. C. Revisiting subjection and intersubjection. IN CUYCKENS, H., DAVIDSE, K. and VANDELANOTTE, L. eds., *Subjection, Intersubjection and Grammaticalization*. Berlin Mouton de Gruyter, 2010.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and incremental development of language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English. IN ECKARDT, Regine; JÄGER, Gerhard and VEENSTRA, Tonjes (eds.). *Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 219-250, 2008.

ⁱ Exemplos listados pela autora: “Diz COMO aconteceu a desgraça. (B); Ensina aos pequenos COMO preparar alguns refrescos de frutas. (GT); Não quero que perceba QUANTO sofreu. (A); Sei QUANDO a briga está perdida. (CH); Serpa, atento, perguntou POR QUE ele omitira aquilo no inquirido. (AFA)” (Neves, 2011: 335)